

**14644 - Convivendo com a seca: uma experiência de extensão rural em Solânea, Paraíba**

*Living with drought: experience of rural extension in Solânea, Paraíba*

LIMA, Andrezza Maia<sup>1</sup>; AZEVEDO, Camila F. de <sup>2</sup>

1 Universidade Estadual da Paraíba, Campus II, Lagoa Seca-PB. E-mail: andrezzamaia2010@hotmail.com; 2 Universidade Estadual da Paraíba, Campus II, Lagoa Seca-PB. E-mail: camfiraze@bol.com.br

**Resumo:** A agricultura familiar está no centro do debate sobre a agricultura brasileira e, embora enfrente diversos desafios como a seca, representa um setor estratégico para o desenvolvimento rural. Esse modelo de agricultura é levado em consideração em inúmeros estudos, principalmente a fim de se encontrar soluções para um melhor desempenho ambiental e econômico. Portanto, o objetivou-se avaliar a forma como os agricultores convivem com a seca, utilizando os preceitos da Agroecologia. Foram realizadas experiências agroecológicas no sítio Salgado de Souza, no município de Solânea/PB, a partir de visitas de coordenadores e estudantes de graduação em Agroecologia da Universidade Estadual da Paraíba, Campus de Lagoa Seca, ocorrida no mês de julho de 2013. Os resultados das visitas apontam que o manejo agroecológico é ferramenta eficaz para uma boa convivência com a época de estiagem na região.

**Palavras-chave:** agricultura familiar; agroecologia; estiagem

**Abstract:** The family farming is at the center of debate on Brazilian agriculture and, although it faces many challenges as drought, represents a strategic sector for rural development. This model of agriculture is considered in numerous studies, mainly in order to find solutions for better environmental and economic performance. Therefore, the objective was to evaluate how farmers live with drought, using the precepts of Agroecology. Agroecological experiences were performed in Salgado de Souza farm, in Solânea city/PB, starting from visits coordinators and graduate students of Agroecology course of State University of Paraíba, Lagoa Seca Campus, during the July month 2013. The visits results indicate that the agroecological management is an effective tool for good coexistence with the dry season in the region.

**Keywords:** agroecology; dry season; family farming

### **Contexto**

A visita foi realizada no sítio Salgado de Souza no município de Solânea/PB no mês de Julho de 2013. A mesma teve como objetivo avaliar a maneira como os agricultores desta propriedade convivem com a seca, utilizando o manejo agroecológico. Optou-se pela observação direta como instrumento básico da pesquisa científica geradora de dados que possibilitaram questionar sobre o que, por que e como os impactos provocados pela seca se apresentavam, e como os agricultores conseguiram chegar a manejos apropriados para continuar produzindo alimentos mesmo no período de estiagem. Conforme Gliessman (2009), a agricultura está em crise. Embora as terras agricultáveis continuem a produzir alimento quanto no passado, há sinais abundantes de que as bases de sua produtividade ecológica estão em perigo.

### **Descrição da experiência**

Metodologicamente, buscou-se na teoria existente, atualização da revisão de literatura sobre a temática do desenvolvimento rural e da agricultura familiar, suas

lógicas produtivas, suas estratégias, suas formas de organização social e produção agroecológica. Foi realizado um breve diagnóstico da área, observando o perfil da propriedade, as atividades agrícolas, a infraestrutura, os limites, as potencialidades e as perspectivas dos agricultores. Este diagnóstico serviu também para conhecimento da história de vida da família, do envolvimento social nos sindicatos da região e de suas estratégias de produção agrícola, como também das tecnologias já utilizadas e a identificação dos problemas. Esse método foi o mais adequado porque possibilitou uma melhor interpretação da vivência.

Durante a visita *in loco* a equipe esteve sempre atenta para fazer a observação da propriedade, na perspectiva de compreender o sistema de produção como um todo, bem como a dinâmica organizacional da família. Para tanto, a equipe se deslocou para a unidade rural, dialogou com a família sobre as potencialidades, os recursos naturais e mão-de-obra disponível, as condições estruturais presentes na unidade produtiva e principalmente com o manejo agroecológico para uma boa convivência com a seca.

Durante a visita, os agricultores informaram os dados necessários para o desenvolvimento da pesquisa à medida que eram observadas as práticas adotadas pelos produtores no que diz respeito ao manejo agroecológico e a convivência com a seca.

Os agricultores chegaram nesta propriedade na década de 1970 onde encontraram um solo bastante enfraquecido pelo plantio intensivo do milho, feijão, algodão e do agave, e pelo pisoteio da criação do gado que havia anteriormente naquela propriedade. A paisagem já estava bastante desmatada pela venda da lenha e pela produção de carvão, quando as propriedades da região foram obrigadas a cercarem seus limites, dificultando ainda mais a criação dos animais. “Nessa época, a gente fazia coivara e colocava fogo para plantar a terra. A gente ficava satisfeita em plantar quando o roçado estava todo limpo”, relembra a agricultora.

Acreditavam que a produção estava indo muito bem até que passaram pelo período seco de 1990 a 1993. Nessa época, os estoques de alimento, de sementes, de água e de forragem acumulados nos anos anteriores praticamente acabaram. E para manter o rebanho, acabaram por consumir o único pedaço de mata que ainda existia por ali. Foi nessa época que se integraram ativamente nas atividades do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Solânea e participaram de muitas atividades de formação. Além de vários diagnósticos e intercâmbios para conhecer novas experiências, como também, de oficinas e seminários.

Para interromper o ciclo de degradação que suas terras viviam, a primeira medida foi aumentar as culturas dentro do sistema produtivo e assim, melhorar a quantidade de matéria orgânica para fortalecer o solo. Na época, plantaram diversas espécies vegetais em todas as áreas da propriedade: nas cercas, nos roçados e nos campos de palma. Atualmente, a família possui um roçado bastante diversificado de onde tiram o alimento da casa e dos animais. Na área do roçado, eles plantam milho, feijão macassar, mulatinho, carioca e fava, batata doce, amendoim, jerimum, melancia, gergelim e girassol. Ainda plantam o guandu, gliricídia, leucena e sorgo. Essas plantas, além de melhorarem a fertilidade do solo, servem de alimento para os animais. E para manter a “terra sempre forte”, a família conserva árvores nativas que nascem no terreno como o jucá, feijão-bravo e juazeiro.

Também foram desenvolvidos diversos tipos de cercas vivas utilizando o mandacaru, palma de espinho, imburana, macambira e gliricídia, tornando as cercas um local de produção e armazenamento de forragem. Inicialmente construíram uma, e depois mais duas barragens subterrâneas, sendo que a última foi construída pela agricultora e seu filho mais novo. Nas barragens, plantam uma variedade de árvores frutíferas, hortaliças e legumes, além de plantar capim elefante, sorgo e capim-gramão estendendo também a produção de forragem para o período de estiagem.

Para reconstituir as áreas de pastagem nativa, dividiram o pasto em quatro cercados: 2 para cabras e ovelhas e 2 para o gado. No caso das cabras e ovelhas, inicialmente deixaram os animais em um deles e, após as plantas produzirem suas sementes, mudam os animais para outro cercado. No ano seguinte, eles inverteram.

Até o final de setembro ou início de outubro, os animais são criados nos cercados. Após a colheita de todos os roçados, os cercados são abertos e os animais são soltos para pastar livremente. Nesse momento, os animais se alimentam dos restos do cultivo enquanto naturalmente fertilizam o solo. A partir de novembro, os animais começam a receber nos currais, a forragem estocada e raquetes de palma. No curral, a família armazena o esterco que é distribuído nos roçados no momento de preparo da terra.

A família não se limita apenas em produzir muita forragem, mas também existe a preocupação de guardá-las. Fazem silagem da folha e da ponta da gliricídia, maniçoba, feijão guandu, sorgo, milho e também daquelas plantas que nascem no inverno. Um dos silos é preparado somente com a palha do milho e serve exclusivamente para alimentar os cavalos. Em 2011, foram armazenadas aproximadamente 60 toneladas de forragem em 04 silos.

Ao longo do ano, as criações de porcos e galinhas aumentam ou diminuem de acordo com a disponibilidade de alimento. “A criação é a poupança do pequeno agricultor, porque se não cria, ele não tem possibilidades de ir em frente, porque é dos animais dele, da pequena criação, da galinha, até chegar a outros animais maiores, que ele tira a manutenção para cuidar da agricultura”, ensina o agricultor.

Na propriedade existem duas cisternas de placa, cada uma com capacidade para armazenar 20.000 litros de água, e um tanque de pedra construído pela própria natureza (Figura 1), capaz de armazenar água para os animais beberem o ano inteiro. A propriedade conta também com uma barragem subterrânea com quatro metros de profundidade que é utilizada no período pós-estiagem para aproveitar a água que fica retida.



Figura 1: Tanque de pedra

### Resultados

No trabalho de campo, percebeu-se que a agroecologia contribuiu para mostrar que é possível fortalecer, de forma processual, a autonomia dos camponeses e trabalhadores da terra, reconhecendo a cultura e apresentando alternativas de uso sustentável da terra a partir das práticas agroecológicas. Reconhece-se assim a importância dos saberes construídos historicamente pelos camponeses. As práticas agroecológicas demonstram que a agricultura familiar é ao mesmo tempo cultural e social, pois envolve saberes, racionalidades, imaginário e os conhecimentos e significados que permeiam o trabalho desses sujeitos com a terra.

Os agricultores avaliam que a integração entre a agricultura e a criação é a chave para os bons resultados alcançados pela família. Os animais ajudam a agricultura no inverno e a agricultura ajuda os animais no verão. Com o aumento da diversidade de plantas, do volume de produção de matéria orgânica e distribuição na propriedade, o sistema produtivo aumentou muito sua capacidade de resistência frente às irregularidades do clima. “Na seca de 2005 e 2006, os vizinhos acabaram com a palma, chegaram até a colocar os animais dentro do campo de palma. Trouxeram forragem até do brejo, mas lá também estava faltando. E para a gente foi suficiente. Até sobrou palma”, conta o agricultor. Segundo Costabeber (1998) a transição agroecológica implica numa mudança nas atitudes e valores dos atores sociais em relação ao manejo e conservação dos recursos naturais, o que não dispensa o progresso técnico e o avanço do conhecimento científico.

Após a experiência no Sítio Salgado de Souza foi realizada um ciclo de debates no sindicato dos trabalhadores rurais de Solânea, com palestra do presidente do sindicato, dos técnicos da AS-PTA e dos agricultores (Figura 2). Sodré (2011) chegou a um resultado semelhante em visita de campo realizada no sertão de Sergipe concluindo a pesquisa afirmando que para os alunos bolsistas deste projeto, esta experiência proporcionou uma proximidade empírica dos problemas enfrentados pela comunidade viabilizando seu aprendizado e a forma o profissional, o respeito aos saberes teóricos e técnicos, o envolvimento com próprios sujeitos da a o e a valoriza o de sua cultura e trabalho.



Figura 2: Reunião no sindicato.

### Referências bibliográficas

- GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável**. 4.ed. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2009.
- COSTABEBER, J. A. **Acción colectiva y procesos de transición agroecológica en Rio Grande do Sul, Brasil**. Córdoba, 1998. (Tese de Doutorado) Programa de Doctorado en Agroecología, Campesinado e Historia, ISEC-ETSIAN, Universidad de Córdoba, España, 1998. 422p
- SODRÉ, M. L. da S.; DOURADO, A. M. SANTOS, E.C.S. **Uma experiência de extensão rural no desenvolvimento do território do alto sertão sergipano**. GEONORDESTE, Ano XXIII, n.1. 2011.